



Percepções sobre a interpretação do patrimônio edificado em Tiradentes¹

Fabiana Mendonça Pires²

Marta Araújo Tavares Ferreira³

Resumo

As estatísticas mundiais sobre o turismo revelam um crescimento expressivo da atividade, principalmente nos últimos 50 anos, crescimento que também tem sido vivido no Brasil. O patrimônio histórico e cultural representa um importante atrativo turístico. Um dos grandes desafios dos núcleos receptores de relevância patrimonial é proporcionar ao patrimônio e ao turismo uma convivência saudável. Na busca por uma visitação proveitosa e responsável, a interpretação patrimonial surge como uma alternativa de intervenção. A interpretação patrimonial fornece aos visitantes informações que revelam a identidade e desvendam o significado do patrimônio, estabelecendo a comunicação com o visitante e ampliando sua rede de conhecimentos. Neste artigo, o projeto de interpretação patrimonial de Tiradentes, MG, implantado em 2001, é analisado. Conclui-se que projetos interpretativos necessitam da real participação da população local; de materiais e design das peças adequados; de roteiros de implantação minuciosos; e de acompanhamento e manutenção sistemáticos.

Palavras-chave: patrimônio histórico e turismo; interpretação patrimonial; turismo histórico.

1. INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios enfrentados ao se trabalhar o turismo em uma localidade é fazer com que esta atividade e o ambiente encontrem um ponto de equilíbrio para que os impactos negativos sejam minimizados e os positivos maximizados. Dessa forma, instrumentos de gestão são imprescindíveis. A interpretação patrimonial vem despontando como um desses instrumentos, uma grande aliada das cidades históricas com potencialidade turística.

A interpretação patrimonial pode ser definida como uma estratégia de apresentação do patrimônio que utiliza um conjunto de técnicas de comunicação a fim de facilitar a interação entre o patrimônio e a sociedade (MORALES, 2004), utilizada inicialmente nos Estados Unidos da América, desde o final do século XIX. No Brasil, a interpretação do patrimônio

¹ Trabalho apresentado ao GT - Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Pires é turismóloga, Coordenadora do Curso de Turismo do Centro Universitário Newton Paiva e Mestre em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA. E-mail: fabipires@hotmail.com

³ Ferreira é Doutora em Engenharia de Produção pela École Centrale de Paris e Professora do Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA. E-mail: martaaraujo@una.br



vem sendo divulgada desde meados da década de 1990, já contando com alguns exemplos de implantação desta prática, como os projetos de interpretação realizados em São João del Rei, MG, em 1999, e em Tiradentes, MG, em 2001, cidades turísticas com um rico acervo histórico-cultural do barroco mineiro do século XVIII (GOODEY e MURTA, 2002).

O pressuposto norteador desta pesquisa é que a interpretação patrimonial deve ser utilizada em cidades históricas brasileiras com potencialidade turística de forma a democratizar o acesso, a compreensão e a apreciação do seu patrimônio histórico e cultural, bem como a satisfação de seus visitantes. E para que essa interação ocorra, é necessário revelar ao visitante o significado do patrimônio, apresentando respostas às questões que ele se coloca perante as obras, utilizando-se de meios que transmitam as mensagens desejadas. No entanto, é necessário estudar a aplicabilidade da interpretação patrimonial à realidade brasileira. Na Europa muito se tem pesquisado sobre a interpretação patrimonial (ÁLAMO, 1999). Entretanto, são raros os estudos no Brasil. Dessa forma, é essencial a investigação sobre a percepção dos visitantes sobre os projetos de interpretação implantados no Brasil, para que se alcance uma maior compreensão da contribuição da interpretação na relação entre o patrimônio histórico e o visitante⁴ nestes ambientes.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é avaliar a percepção dos turistas e dos moradores de Tiradentes acerca do projeto de sinalização interpretativa. São objetivos específicos: discutir o uso da interpretação como ferramenta de gestão em cidades de relevância histórica e identificar paralelos entre os objetivos propostos para a sinalização interpretativa em Tiradentes e a situação atual.

Para a realização desta pesquisa foi feita a opção pela abordagem qualitativa e a realização de um estudo de caso. No bojo do estudo de caso, foi realizado um levantamento, ou seja, uma busca de informações mediante a aplicação de formulário junto a uma amostra de pessoas acerca do problema estudado. Foram aplicados dois tipos de formulários – um destinado à população local e outro aos turistas. Do total de 173 pessoas pesquisadas, 80 eram habitantes de Tiradentes e 93 eram turistas. Os formulários foram aplicados nos dias 16, 17 e 18 de

⁴ Optou-se por identificar os visitantes como todas as pessoas que visitam um atrativo, sejam elas turistas ou população local.



dezembro de 2005. Foram também realizadas pesquisa documental e uma entrevista com a coordenadora do projeto de sinalização interpretativa de Tiradentes.

Para a abordagem aos turistas de Tiradentes, foram selecionados alguns pontos do centro histórico da cidade: o Chafariz de São José, o Museu Padre Toledo e a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Esses locais foram escolhidos por possuírem painéis interpretativos, localização privilegiada que permitisse uma boa circulação de turistas e por serem considerados atrativos históricos de grande relevância para cidade, ou seja, identificados como edificações de alto grau de atratividade.

A pesquisa com os turistas baseou-se numa amostragem aleatória, sendo que não existem dados quantitativos confiáveis a respeito do número de turistas que visitam cada um dos atrativos de Tiradentes. Entretanto o Chafariz de São José, por não cobrar entrada e por estar inserido num ambiente natural, com áreas propícias para encontros e descanso, recebe o maior número de turistas. Assim, dos 93 formulários aplicados aos turistas, 68% foram aplicados no Chafariz de São José, 23% no Museu Padre Toledo e 9% na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Quanto à pesquisa com a população local, baseou-se também numa amostragem aleatória. Buscou-se entrevistar os transeuntes do centro histórico de Tiradentes, residentes que por motivo de trabalho, lazer ou moradia, convivem com o espaço histórico da cidade, e não uma amostragem representativa de toda a população de Tiradentes.

A terceira e última etapa da pesquisa consistiu em entrevistas não-estruturadas com atores-chave de Tiradentes. Sem qualquer roteiro previamente elaborado, as entrevistas foram focalizadas no aprofundamento do assunto com o qual o informante tinha estreita relação. Assim, entrevistou-se o Secretário de Turismo de Tiradentes; a Arquiteta e Diretora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Tiradentes - IPHAN; o Pesquisador e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes e um Vereador da cidade, considerado o articulador e idealizador do projeto de interpretação patrimonial de Tiradentes.

2. PATRIMÔNIO, INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL E O TURISMO



Em sua origem, a palavra patrimônio está ligada a estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade. Segundo Castriota (2004, p.10), no direito romano *patrimonium* significava “o conjunto de bens de uma pessoa, o que incluía desde a sua casa, terras e utensílios até os escravos, e as mulheres (que não eram cidadãs)”. Tudo o que não podia ter apropriação privada, tais como praças, templos, por exemplo, ficava fora do patrimônio, ou seja, era *extra patrimonium*. Choay (2001, p.11) busca na língua francesa a definição da antiga palavra patrimônio: “bem de herança que é transmitido, segundo as leis, dos pais e das mães aos filhos”.

Na contemporaneidade, o sentido da palavra patrimônio ainda carrega marcas da sua origem: “patrimônio é um conceito legal que tem a ver com o conjunto de bens e direitos que uma pessoa ou instituição possui” (CASTRIOTA, 2004, p.10). Entretanto, agrupam-se ao termo diversos adjetivos (natural, histórico, cultural, etc.), proporcionando à expressão uma ampliação do conceito. Da mesma forma, com o passar do tempo, essas expressões acabaram por sofrer alterações de sentido: da dimensão particular e privada, passaram a indicar, na modernidade, um sujeito coletivo.

Segundo Féres (2002), o patrimônio histórico abrange todos os elementos que formam a identidade de um lugar, o que inclui não apenas o patrimônio tangível, mas também o traçado urbano, seus símbolos, os valores intangíveis e a paisagem urbana que compõem o espaço. Assim, na concepção contemporânea de patrimônio histórico cabem desde as manifestações da ação humana aos elementos que constituem o espaço. Entretanto, entende-se por patrimônio edificado a categoria composta pelos elementos que possuem materialidade, ou seja, “o conjunto de bens e imóveis construídos pelo homem, aqui incluídas as obras da arquitetura e a própria cidade” (CASTRIOTA, 2004, p.12).

Na atualidade se pode afirmar que a presença de visitantes é um dos maiores desafios que enfrenta a gestão das destinações turísticas que possuem patrimônio edificado como atrativo. O fluxo de turistas nestes ambientes requer um cuidado especial para que as futuras gerações possam usufruir também de sua herança cultural e histórica. Indo ao encontro da necessidade de uma gestão eficaz, que busque criar uma infra-estrutura adequada para o desenvolvimento da atividade turística em áreas de importância patrimonial, a interpretação patrimonial, além



de potencializar o turismo local, cumpre também a função social de democratização do conhecimento e, conseqüentemente, valorização do patrimônio (GOODEY E MURTA, 1995).

A origem do termo interpretação está intimamente ligada à questão ambiental. A busca por refúgios naturais sempre levou os visitantes a percorrerem caminhos que, pela dificuldade do percurso, os faziam recorrer, na maioria das vezes, a pessoas familiarizadas com o ambiente. Estas tinham a função de guiar os visitantes, desviando-os dos possíveis obstáculos ao longo da jornada. De uma forma intuitiva, sem a preocupação com a utilização de técnicas formais, esses guias proporcionavam um aumento de interação entre os visitantes e o ambiente, dando origem ao que hoje se entende por interpretação patrimonial (IEF, 2002).

O início “formal” da interpretação patrimonial ocorre em 1957, com a contribuição de Freeman Tilden. Na publicação intitulada *Interpreting our Heritage*, Tilden (1957) abordou os principais temas e os princípios básicos da interpretação baseado em suas experiências no serviço de Parques Nacionais dos Estados Unidos da América.

Até o final da década de 1960, o enfoque da interpretação esteve muito voltado para a comunicação gerada pela interação entre o recurso interpretativo e o visitante. Entretanto, na década de 1970 surgiu a necessidade de melhor planejar essa atividade, mudando assim o enfoque da interpretação para o planejamento (IEF, 2002). A partir de meados da década de 1980, começou-se a utilizar o termo interpretação do patrimônio com um sentido mais abrangente do que o da interpretação ambiental. Hoje, ao considerar-se o termo patrimônio em seu sentido integral, estende-se sua denominação tanto ao meio natural quanto ao cultural e histórico. A primeira definição acadêmica de interpretação, em 1957, propunha que:

“A interpretação é uma atividade educativa que pretende revelar significados e inter-relações através do uso de objetos originais, por um contato direto com o recurso ou por meios ilustrativos, não se limitando a dar uma mera informação dos fatos”⁵ (TILDEN *apud* BOLETÍN DE INTERPRETACIÓN, 1999, p. 12).

Entretanto, a interpretação necessita de recursos para sua realização. Inicialmente é possível diferenciar a interpretação em duas formas: a guiada e a auto-guiada. A primeira delas é

⁵ Tradução das autoras. Original em espanhol.



representada pelos guias interpretativos, ou seja, pessoas capacitadas para conduzirem visitantes e interpretar o ambiente em que se encontram, de acordo com os objetivos propostos. Já as auto-guiadas recorrem à exposição de painéis e placas interpretativas, vídeos, sistemas de áudio como *walkman* e postos de escuta, desenhos e esculturas, por exemplo. Dessa forma, a parte visível da interpretação é o meio utilizado para a comunicação da mensagem interpretativa, ou seja, constitui o recurso utilizado para realizar a interpretação patrimonial. Estes instrumentos buscam revelar o significado do patrimônio de forma a atrair a atenção dos visitantes, com palavras de impacto e provocativo, em torno de um tema. Estabelece-se com o visitante um processo de comunicação que busca estimular atitudes positivas que transcendam o momento da visita, contribuindo para a conservação e a valorização do patrimônio histórico: “Através da interpretação, a compreensão; através da compreensão, a apreciação, e através da apreciação, a proteção” (TILDEN *apud* GOODEY e MURTA, 2002, p. 14-15).

3. O PROJETO DE SINALIZAÇÃO INTERPRETATIVA EM TIRADENTES

A cidade mineira de Tiradentes durante todo o séc. XVIII viveu o seu auge econômico, sendo reconhecida como um dos importantes centros produtores de ouro de Minas Gerais. Entretanto, a cobiça e a corrida incessante pelo ouro tiveram como resultado o esgotamento das jazidas na região. Ao final do ciclo do ouro, no século XIX, a vila, marcada pela dependência econômica do ouro, se transformou num cenário de pobreza, permanecendo assim durante décadas. Este declínio econômico de Tiradentes contribuiu para a conservação do conjunto urbanístico-arquitetônico da cidade: “por um lado, os que nela residiam não tinham necessidade, e muito menos posses, para demolir e construir, e os de fora não viam interesse em nela investir” (PELLEGRINI, 2000, p.35).

O conjunto arquitetônico de Tiradentes tem em sua expressão artística, a particularidade do barroco mineiro do século XVIII. O conjunto arquitetônico tiradentino foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN⁶, em 20 de abril de 1938.

O projeto de sinalização interpretativa de Tiradentes foi implementado em 2001, com o objetivo de “destacar o caráter diferencial de suas atrações culturais, estimular o olhar do

⁶ SPHAN, atualmente IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.



visitante, diversificar o produto turístico e (...) despertar o interesse e orgulho da comunidade sobre o significado de seu patrimônio cultural, incentivando práticas preservacionistas”. (ALBANO, 2002, p. 275).

Reconhecendo a importância do acervo artístico de Tiradentes como testemunho de uma sociedade urbana do Brasil colônia, Albano (2002) salienta que a criação de uma sinalização interpretativa em Tiradentes teve o “objetivo de tornar ainda mais forte a sua imagem como lugar de memória coletiva de uma cultura singular” (ALBANO, 2002: 279). O imaginário coletivo do barroco seria, assim, segundo Albano, fator fundamental na construção da identidade coletiva do povo mineiro, possibilitando seu trânsito entre o passado e o presente, ou seja, o diálogo.

Albano (2002, p. 275) salienta que alguns princípios básicos são necessários para uma interpretação “bem sucedida” e esses princípios influenciaram o projeto de Tiradentes:

- O envolvimento de diversos setores da comunidade em todo o processo do trabalho, ao detectar que “eles [moradores] detêm o conhecimento mais rico e aprofundado sobre o local” (ALBANO, 2002, p. 275). Para Albano, a escolha de profissionais que morem na cidade ou que tenham uma certa familiaridade com o local é importante, dentro da perspectiva de uma equipe multidisciplinar;
- A definição de um tema central que revele o significado da cidade e, a partir dessa definição a seleção das edificações, dos fatos e dos personagens a serem interpretados;
- A elaboração de textos interpretativos que sejam interessantes e de fácil compreensão para o público, “que contenham informações intrigantes sobre a característica do lugar” (ALBANO, 2002, p. 275);
- A criação de design atraente, atentando para a escolha dos materiais, das cores e das ilustrações para as peças de sinalização a fim de despertar curiosidades, orientar e revelar significados, apresentados de forma a causar o mínimo de impacto na paisagem da cidade. Da mesma forma, os painéis e placas devem ser resistentes e de fácil limpeza;
- A utilização da mensagem como ferramenta para promover o “zelo e cuidado com o patrimônio” (ALBANO, 2002, p. 275).



Para a execução do projeto de Tiradentes, optou-se por uma sinalização interpretativa com o uso de painéis e placas (selos) instalados em “largos, ruas, igrejas, edificações públicas e residências particulares” (ALBANO, 2002, p. 275) a fim de realçar a história e as características arquitetônicas e culturais da cidade. Inicialmente foram levantados os principais monumentos e edificações de valor histórico, as personalidades e os roteiros de maior afluxo na cidade. Num segundo momento, houve a definição do conteúdo das mensagens para compor as peças interpretativas.

Para a instalação de painéis e selos com texto e ilustração das atrações turísticas, optou-se por escolher material que combinasse com os treze totens confeccionados para informar, por meio de setas, o sentido dos monumentos mais significativos da cidade (ALBANO, 2002). Assim, os painéis foram confeccionados em metal e receberam uma pintura na cor azul. Tem a sua base fixada no chão com uma face vertical de, aproximadamente, 1,30m de altura. Finalizam-se numa parte superior inclinada. Sobre esta face são fixados painéis de vidro com os textos impressos correspondentes ao patrimônio. Segundo Albano (2002), dezesseis patrimônios (culturais e naturais) foram selecionados para receber os marcos referenciais (painéis interpretativos). A FIG. 1 apresenta o painel do atrativo Chafariz de São José.



Figura 1 - Tiradentes: Sinalização Interpretativa – Chafariz de São José.

Durante a pesquisa de campo em Tiradentes, constatou-se que algumas edificações que constaram do projeto não receberam a sinalização interpretativa. A Matriz de Santo Antônio, por exemplo, não recebeu o painel por encontrar-se em reforma no período de instalação. Já no Largo das Forras foi instalado um painel interpretativo, mas, como o vidro foi quebrado, a prefeitura decidiu retirá-lo.



Percebe-se que, com o passar do tempo, os painéis e selos sofreram deterioração, seja pelo vandalismo ou pelo intemperismo. Alguns entrevistados afirmaram ter alertado os responsáveis pelo projeto interpretativo de Tiradentes sobre a utilização de vidros nos painéis e selos, pois este tipo de material seria facilmente degradado por vandalismos. Entretanto, os executores acreditavam que isso era um processo de educação patrimonial a ser trabalhado com a população local e os turistas. Por outro lado, os entrevistados apontam a falta de manutenção dos painéis e selos, o que contribuiu para a degradação do material. Os entrevistados assinalaram também que houve resistência da população local ao material utilizado no projeto interpretativo, considerado moderno e esteticamente incompatível com o ambiente da cidade. A responsável pelo projeto justificou a escolha com base na verba disponível.

4. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO JUNTO AOS MORADORES

Dos 80 moradores que responderam aos formulários da pesquisa, a grande maioria (77 entrevistados) reconheceu Tiradentes como uma cidade que possui construções do período colonial. Entretanto, desses 77 moradores, 22 admitiram não conhecer a história dessas construções. Os 55 moradores restantes responderam, em ordem decrescente de importância, suas fontes de informação a esse respeito: a escola, os livros e guias publicados, parentes/amigos, cursos e outros. Não foi mencionada a sinalização interpretativa por nenhum deles.

Vale ressaltar que, apesar do projeto de interpretação patrimonial de Tiradentes ter tido o intuito de aumentar a compreensão dos tiradentinos sobre a história da cidade, o mesmo não contou com qualquer tipo de envolvimento dos moradores, segundo um dos entrevistados.

Ao se perguntar aos 80 moradores participantes da pesquisa se tinham conhecimento do que tratavam os painéis azuis, mais da metade deles (64% ou 51 moradores) sabia que os painéis continham textos com informações sobre os atrativos, dos quais 13 afirmaram que os textos eram insuficientes ou superficiais, um considerou-os pouco elaborados e 9 não os leram. Os 36% restantes (29 moradores) não sabiam do que os painéis tratavam. Assim, pode-se concluir que as placas interpretativas não despertaram interesses em grande parte dos moradores entrevistados.

5. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO JUNTO AOS TURISTAS



Dos 93 turistas que participaram da pesquisa, mais da metade respondeu que Tiradentes não oferecia informações sobre seus atrativos históricos. 31 participantes afirmaram ter tido acesso a informações sobre os atrativos históricos da cidade, porém apenas 2 deles citaram a sinalização interpretativa como fonte. O material impresso (*folder*) foi a fonte de informação mais citada. Quanto à avaliação das informações recebidas, 87 % dos 31 turistas que afirmaram terem recebido alguma informação sobre os atrativos históricos de Tiradentes (ou seja, 27 participantes) admitiram que estas foram essenciais e indispensáveis em sua estada na cidade.

Para investigar o acesso dos turistas a informações específicas sobre o patrimônio que se encontravam visitando, foi perguntado “in loco” se os mesmos haviam recebido, ou não, alguma informação sobre o atrativo visitado. Apesar dos locais em que os turistas se encontravam disporem de placas interpretativas, 65% dos turistas (60 participantes) afirmaram que não haviam recebido qualquer tipo de informação. Ao se cruzar esse resultado com o atrativo em que os turistas se encontravam, obtêm-se os resultados apresentados no GRAF. 1, no qual acima de cada coluna está apresentada a frequência absoluta das respostas. Observa-se que os três atrativos apresentaram resultados semelhantes.

Foi indagado aos turistas que responderam ter recebido informações sobre o atrativo visitado quais as fontes de informações utilizadas, a fim de verificar o quanto a sinalização interpretativa estivera presente no processo. Os resultados são apresentados no GRAF. 2.

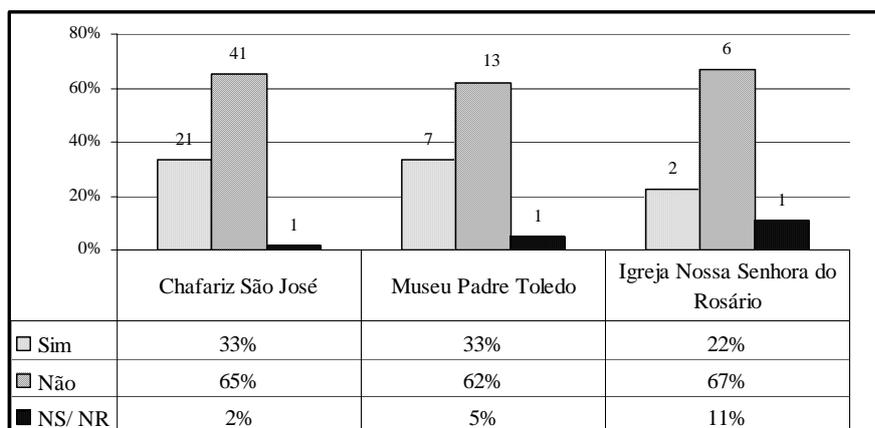


GRÁFICO 1 - Acesso a informações sobre o atrativo visitado pelos turistas participantes. Fonte: Pires (2006)

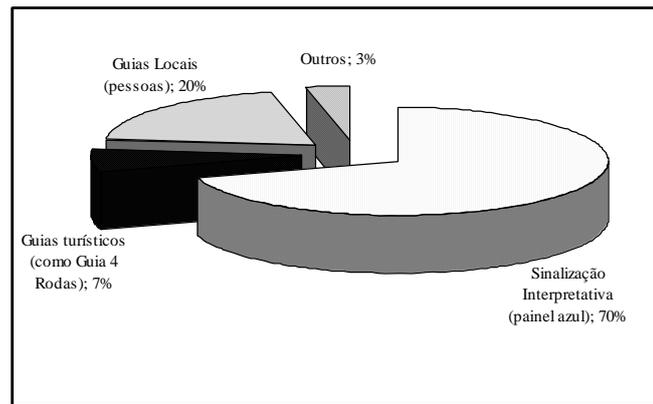


GRÁFICO 2 - Fontes de informação sobre os atrativos. Fonte: Pires (2006)

Dos 30 turistas que responderam que receberam informações específicas sobre o atrativo que visitavam, a maior parte deles identificou a sinalização interpretativa como a fonte de informação (21 participantes), seguida dos guias locais (6 participantes). Os guias turísticos, como o Guia 4 Rodas, e outros materiais impressos foram apontados por 2 pessoas. Quanto à compreensão dos textos, dos 21 turistas que identificaram a sinalização interpretativa como fonte de informação, 19 avaliaram os textos como muito fáceis.

A fim de aprofundar a avaliação das informações apresentadas, perguntou-se aos participantes que haviam identificado a sinalização como fonte das informações sobre os atrativos (21 turistas) se essas informações eram suficientes, se haviam aumentado o seu conhecimento sobre o local, se eram atraentes e, por fim, se haviam despertado curiosidade, ou seja, feito com que tivessem um interesse maior sobre o assunto. Cada coluna do GRAF. 3 apresenta a frequência absoluta das respostas.

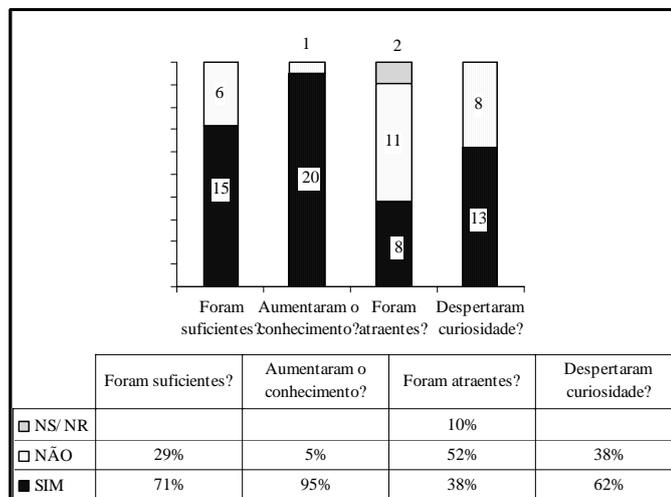


GRÁFICO 3 - Avaliação das informações apresentadas na sinalização interpretativa. Fonte: Pires (2006)



Os resultados do GRAF. 3 permitem afirmar que os textos aumentaram o conhecimento de quase todos os turistas que usaram a sinalização interpretativa como fonte de informação, que as informações foram consideradas suficientes e despertaram a curiosidade para a maioria deles. Entretanto, uma minoria (8 turistas) considerou a sinalização atraente.

Para os participantes que afirmaram ter recebido informações sobre os atrativos por meios distintos da sinalização interpretativa, os que declararam não ter recebido qualquer informação sobre eles ou que não souberam responder, 72 turistas ao total, foi perguntado por que não haviam citado os painéis azuis, ou seja, a sinalização interpretativa como fonte de informação (nesse momento, os pesquisadores indicavam os painéis aos turistas, uma vez que eles se encontravam perto dos mesmos). A maioria dos turistas afirmou não ter visto os painéis (64% ou 46 turistas). Este resultado permite afirmar que a sinalização interpretativa de Tiradentes foi disposta de tal forma que não atrai a atenção de parte dos visitantes, comprometendo assim o acesso às informações.

6. COMPARAÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL E O PROJETO DE SINALIZAÇÃO INTERPRETATIVA DE TIRADENTES

A síntese dos resultados da pesquisa de campo será apresentada fazendo-se um paralelo com os princípios básicos da interpretação patrimonial apresentados por Albano (2002), influenciadores do projeto de sinalização interpretativa de Tiradentes:

1. Envolvimento de diversos setores da comunidade em todo o processo de interpretação patrimonial: no caso de Tiradentes, apenas alguns representantes do IPHAN e do poder público de Tiradentes participaram da confecção dos textos e da decisão do posicionamento das placas. Ressalte-se que nenhum morador que participou da pesquisa em Tiradentes indicou a sinalização interpretativa como fonte de conhecimento sobre as construções históricas da cidade. Entretanto, mais da metade da população pesquisada (64% ou 51 moradores) sabia que os painéis correspondiam a textos sobre os atrativos. Supõe-se que estes resultados estejam relacionados ao pouco envolvimento da comunidade no projeto.
2. Definição de um tema central que revele o significado da cidade e, a partir dessa definição, seleção das edificações, dos fatos, e dos personagens a serem interpretados:



- seria necessário a extensão da pesquisa para possibilitar avaliação do processo de definição de tema e dos atrativos interpretados.
3. Elaboração de textos interpretativos que sejam interessantes: dos 80 moradores pesquisados, apenas 26 deles tinham conhecimento do que tratavam os painéis interpretativos, e os achavam interessantes/ instrutivos ou afirmaram ter aumentado seu conhecimento sobre o assunto através deles. Dos 93 turistas participantes da pesquisa, 72 responderam não ter recebido informação alguma sobre os atrativos ou apenas as informações apresentadas por guias turísticos locais ou material impresso (*folder*).
 4. Elaboração de textos interpretativos que sejam de fácil compreensão para o público: dos 51 moradores pesquisados que tinham conhecimento do que tratavam os painéis interpretativos, apenas um deles respondeu que achava os textos complicados. Dos 93 turistas participantes da pesquisa, 19 deles identificaram a sinalização interpretativa como fonte de informação, com textos muito fáceis de serem compreendidos. Um turista avaliou os textos como razoavelmente fáceis e o outro, como difíceis. Os 72 turistas restantes não perceberam a sinalização interpretativa como fonte de informação.
 5. Elaboração de textos interpretativos que contenham informações intrigantes sobre a característica do lugar: não foi feito um estudo sobre a elaboração dos textos. Entretanto, dos 21 turistas que admitiram os painéis interpretativos como fontes de informação, 13 afirmaram que os textos despertaram curiosidade.
 6. Utilização da mensagem como ferramenta para promover a apreciação e proteção do patrimônio: seria necessário outro estudo para a avaliação de comportamentos e tendências preservacionistas.
 7. Criação de *design* funcional e atraente, atentando para a escolha dos materiais, das cores e das ilustrações: diversos problemas foram apontados acerca do design e dos materiais usados na sinalização de Tiradentes. Por exemplo, o vidro utilizado produz uma sombra que dificulta a leitura; a inclinação da superfície de metal também favorece sombreamento nos textos; existe uma lacuna entre o vidro e a base de metal que é usada pela população para afixar papéis diversos, impedindo a leitura dos textos; a água da chuva, ao entrar em contato com o fundo do vidro, também dificulta a nitidez do texto.
 8. Criação de peças resistentes e de fácil limpeza: o poder público local não faz manutenção periódica das peças. Atualmente, os painéis e selos estão sujos. A base de metal encontra-



se enferrujada. Os vidros das peças não resistiram: muitos se encontram quebrados, outros foram retirados.

9. Criação de peças que promovam uma relação harmônica com o sítio existente, de forma a causar o mínimo de impacto na paisagem da cidade: de acordo com um dos entrevistados, os moradores e o poder público acharam as peças inadequadas para a cidade. No entanto, houve cuidado ao se instalar as peças, sendo que muitas delas estão afixadas nas laterais dos atrativos para não comprometer esteticamente os sítios.

7. CONCLUSÃO

O estudo de caso, focalizando a sinalização interpretativa de Tiradentes, possibilitou colocar a prática interpretativa na perspectiva da realidade brasileira. Os resultados da pesquisa poderão ser de grande valia para a cidade, a fim de embasar intervenções futuras.

Conquanto os resultados tenham indicado que a população local pesquisada não reconhece a sinalização interpretativa como fonte de aprendizagem sobre as construções históricas de Tiradentes, a maioria dos habitantes participantes da pesquisa conhece os painéis azuis e sabe que contem textos informativos sobre os atrativos. Os resultados também indicam que a sinalização interpretativa não tem possibilitado um maior entendimento sobre o conjunto dos atrativos turísticos de Tiradentes pela maioria dos turistas que participaram da pesquisa, pois apenas um turista citou a sinalização como forma de obtenção de informação essencial sobre os atrativos.

A interpretação não causou um impacto significativo na interação entre o patrimônio visitado e o turista. Apesar dos locais em que os turistas se encontravam no momento da pesquisa disporem de placas interpretativas, apenas uma pequena parcela dos entrevistados identificou a sinalização interpretativa como forma de apresentação de informação específica sobre o atrativo visitado.

A pesquisa apontou aspectos que interferiram na eficiência do projeto de interpretação patrimonial de Tiradentes. Assim, o projeto não contou com participação efetiva da comunidade em seu planejamento, na escolha do patrimônio a ser interpretado, na elaboração dos textos e na escolha dos recursos utilizados. O orçamento reduzido, a falta de apoio para



que o projeto continuasse e a ausência de manutenção sistemática também foram identificados como problemas relevantes. A pesquisa indicou que o *design* das placas não é considerado funcional, com a escolha de materiais considerados inadequados e peças pouco atraente. Além disso, a disposição das placas comprometeu sua visibilidade.

Os resultados surpreendem ao demonstrarem o baixo impacto da sinalização interpretativa de Tiradentes na percepção dos turistas e da comunidade local. Provavelmente devido às condições adversas citadas acima, não se conseguiu alcançar os objetivos propostos. Entretanto, é reconhecida a importância deste projeto pelo seu caráter inovador, pelo estímulo que representa a ações que visem a valorização do patrimônio e pela oportunidade proporcionada de estudos sobre a adequação da interpretação patrimonial ao país.

REFERÊNCIAS

- ALAMO, Javier Benayas del. La formación sobre interpretación entra en la universidad española. **Boletín de Interpretación**. Sevilha, n. 1, p. 8-9, jun. 1999. Disponível em <<http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/boletin.htm>>. Acesso em 02 abr. 2005.
- ALBANO, Celina; MURTA, Stela Maris (orgs). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. 3. ed. Bauru: EDUSC, 2002. Tradução de Josely Vianna Baptista.
- CASTRIOTA, Leonardo B. Patrimônio: Conceitos e perspectivas. In: BESSA, Altamiro S. M. (coord.). **Preservação do Patrimônio Cultural: nossas casas e cidades, uma herança para o futuro**. Belo Horizonte: CREA-MG, 2004.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Estação Liberdade: 2001.
- DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo**. Política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.
- EMBRATUR. Ministério do Turismo. **Estatísticas Básicas do Turismo, 2005**. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/site/br/dados_fatos/home/>. Acesso em 04 de abril de 2006.
- ESTRADA, Nuria. **La interpretación del patrimonio como herramienta para la conversión del recurso patrimonial em producto turístico cultural. Reflexiones y propuestas**. Disponível em <<http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/>>. Acesso em 16 abr. 2005.
- GOODEY, Brian; MURTA, Stela. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: ALBANO, Celina; MURTA, Stela Maris (orgs). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 13-46
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.



MORALES, Jorge (1998). La interpretación del patrimônio natural e cultural: todo um caminho por percorrer. **Boletín PH**. Andalucía, n. 25, p. 15-16, dez. 1998.

_____ (2004). **La interpretación, en su acepción de comunicación atractiva in situ**. Disponível em: <<http://www.gestioncultural.org/gc/boletin/2004/boletininterpretacion.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2005.

_____ (2005) **La planificación interpretativa asegura la excelencia em interpretación**. Disponível em <<http://www.interpretaciondelpatrimonio.org/documentos..htm>>. Acesso em 06 jan. 2005.

PELLEGRINI, Américo. **Turismo Cultural em Tiradentes**. São Paulo: Manole, 2000.

SENAC. Estrada Real: **Caminho Velho** - Dados Municipais: Tiradentes. Disponível em <<http://www.descubraminas.com.br>>. Acesso em 02 jul. 2005.

SETUR. Secretaria de Estado do Turismo de Minas Gerais. **Estatística do Turismo Doméstico 2001**. Disponível em <<http://www.turismo.mg.gov.br>>. Acesso em 15 jan. 2005.

TILDEN, Freeman. Interpreting our Heritage. [S.I.] University of North Carolina Press, 1967. *Apud* GOODEY, Brian; MURTA, Stela. Interpretação do Patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: ALBANO, Celina; MURTA, Stela Maris (orgs). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 288p. p. 13-46